



pt Reflexão Anti-Colonialismo Anti-Capitalismo

O desenvolvimento não estar em crise, ele é a crise
AN Original

Nas línguas derivadas do latim, dois verbos modificam completamente o sentido das coisas. Um é o verbo estar. Caracterizado por ser um verbo transitivo indireto que tem por função indicar o momento de algo ou(...)

Por Rafael dos Santos da Silva



en Reflection Anti-Capitalism Anti-Colonialism Anti-Heteropatriarchy

Emotions, populism, and the digital space**AN Original - UNPOP Series**

«Politics is about feelings», writes David Redlawsk in the incipit of his edited book Feeling politics. To see somebody angry with the government rescuing financial institutions, someone fearful that his or her(...)

By Paolo Cossarini

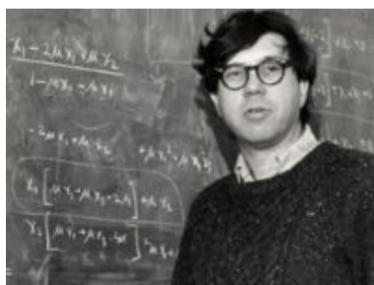


es Reflexión Anti-Capitalismo Anticolonialismo

¿Nuevo giro a las izquierdas?**AN Original**

La incontestable victoria electoral del izquierdista Gabriel Boric en Chile desató diversas emociones, expresadas en mensajes y/o silencios. Los sentires más evidentes provinieron de la vereda progresista, que(...)

Por José Luis Exeni

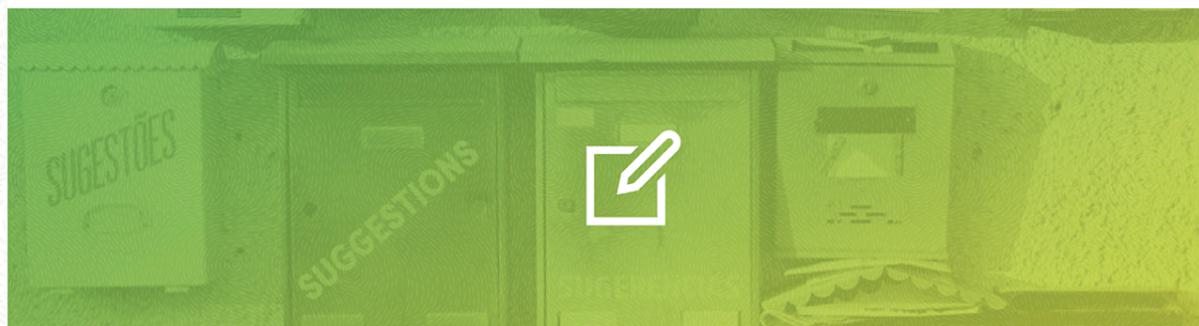


pt Reflexão Anti-Capitalismo Anti-Colonialismo Anti-Heteropatriarcado

Ciência, dissidência e justiça: sobre o legado intelectual e político de Richard Lewontin**AN Original - Alice Comenta**

Este ano em que celebramos o centenário do nascimento de Paulo Freire, foi marcado pelo desaparecimento de dois dos grandes protagonistas de décadas de luta pela justiça cognitiva e pela justiça social: Richard(...)

Por João Arriscado Nunes



Centro de Estudos Sociais Tel +351 239 855 570
Colégio de S. Jerónimo Fax +351 239 855 589
Apartado 3087
3000-995 Coimbra, Portugal alicenews@ces.uc.pt



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificados como original licenciados de acordo com a fonte.
Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.
Original contents licensed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.

You received this message because you are subscribed to the Alice News Newsletter. If you do not want to receive it again, [click here](#).

O desenvolvimento não estar em crise, ele é a crise

AN Original

2022-01-02

Por Rafael dos Santos da Silva

Nas línguas derivadas do latim, dois verbos modificam completamente o sentido das coisas. Um é o verbo estar. Caracterizado por ser um verbo transitivo indireto que tem por função indicar o momento de algo ou alguém. O outro é o verbo ser. Este quando conjugado na terceira pessoa do presente indicativo adquire a expressão “é”, assumindo a conotação do real. Esse pequeno regresso a nossa língua mãe nos ajuda a compreender o título desse texto ao dizer: “o desenvolvimento não estar em crise” portanto seu estado não é momentâneo. Ele é a crise, ou seja, a crise como materialização do real, portanto ele é! Sustento isso em dois argumentos: um semântico, e outro político. Quanto ao semântico basta observar seu significado. Desenvolvimento é a negação ao envolvimento. Quanto à parte política, é preciso dizer que o desenvolvimento é o estabelecimento da estratégia do capitalismo moderno.



Crédito:Nastco

A escritora brasileira [Conceição Evaristo](#) na sua obra *Becos da Memória* muito bem definiu a estratégia por trás do desenvolvimento, ao afirmar que “eles combinaram de nos matar, e nós combinamos de não morrer” Em outras palavras, se você deriva do sul global, para tomar emprestado a definição de [Boaventura Sousa Santos](#), então você pode estar seguro que o desenvolvimento é a pura representação de uma estratégia política e econômica reduzida a uma agenda de negócios, portanto um grande combinado de morte. Posso parecer duro nas palavras, mas não injusto. Vamos aos fatos e aos dados.

A ideia de desenvolvimento emerge numa conjuntura social muito intensa, o surgimento do capitalismo. O argumento central inclusive defendido por [Amartya Sen](#) na sua obra *Desenvolvimento como Liberdade*, era de incentivar as pessoas escravizadas a deixar as senzalas e se expor ao trabalho fabril. Logo, a força da palavra visava destituí-los da ideia de envolvimento tão cara àquela gente.

Outro fato histórico importante emerge no período do pós-guerra quando foi criada uma verdadeira marcha para o desenvolvimento sob a pecha de reestruturação. O acordo assinado na cidade britânica [Bretton Woods](#) possuía com métodos a famigerada “teoria da ajuda” cujas etapas consistiam em financiar infraestrutura em países muito pobres; depois suportar obras locais, até finalmente estabelecer ajuda direta para o sistema social. No entanto, o preço foi elevadíssimo aos países pobres, pois o financiamento se daria ao modelo dos mercados privados e a taxa de risco era calculada pelo risco de retorno, ou seja, quanto mais pobre fosse o receptor, maior seria a taxa de juros imposta à transação.

Como resultado, entre 1960 a 1990 o endividamento dos países pobres cresceu exponencialmente. Foi então que a partir de meados de 1990 o sistema passou a atrelar os empréstimos à dimensão social. A abordagem das capacidades constitutivas do Indiano Amartya Sen foi a primeira que orientou esse

debate. Mais tarde, essa teoria contribuiu para a formação do Índice de Desenvolvimento Humano, que de tão reduzido não contou inicialmente com a aprovação de Sen.

Apenas em um terceiro momento o processo evoluiu para os Objetivos do Milênio - ODM que atrelou metas e resultados sociais ao envio da ajuda. Contudo nesse momento, houve uma separação dos tipos de ajudas. (i) ajuda técnica (ii) investimentos privados (iii) investimentos humanitários. Este último era diretamente atrelado às metas alçadas nos ODM, enquanto os dois primeiros serviam como uma espécie de chantagem para que o terceiro fosse executado. Como era de se esperar, os resultados foram catastróficos. É o que atesta um dos maiores expoentes da sociologia africana o egípcio Samir Amin. Para ele "o ODM nada mais pode reproduzir que um apartheid global pela exploração primitiva e pilhagem dos países em desenvolvimento". A crítica é dura mas não desonesta. Basta observar que as únicas metas que não evoluíram foram a pobreza e a fome, pelo contrário estão involuindo. Segundo José Graziano, recente ex-diretor da FAO, se continuar com este modelo "as metas não serão batidas no período estabelecido". Isso atesta que os Objetivos do Milênio, que depois de 2015 passariam a ser chamados de Objetivos do Desenvolvimento Sustentável – ODS, não estão a servir a comunidade global. Isso ocorre fundamentalmente porque a teoria da ajuda, porta de entrada do desenvolvimento resume-se a um grande falhanço universal.

O mecanismo de ajuda estabelecido pelos países desenvolvidos, na prática usurpam a liberdade dos países pobres. Lhe impõe uma articulação financista insuportável até o limite da exaustão para em seguida, por meio de privatizações, adquirir as empresas estatais dos seus credores. Aqui um dado utilizado por Samir Amir parece ilustrativo. Segundo seus estudos a acumulação dos países desenvolvidos na época das grandes navegações chegavam a 3 vezes o volume investido. No auge do capitalismo industrial, na década de 1970, esse valor não superava a casa das 35 vezes ao valor investido. Agora com a modernização do sistema financeiro e da capacidade tecnológica atrelada ao modelo descrito acima, o lucro dos países super ricos chega até a 80 vezes ao valor investido. É a pilhagem renovada.

Quais são os reais resultados? O primeiro e mais latente é o mal funcionamento das economias locais. De forma detalhada os orçamentos públicos dos países pobres acabam sequestrados para pagar a conta. Na ponta isso finda retirando do estado a capacidade de suprir as necessidades mais básicas da população. Como resultado direto, a inflação vai corroendo os parcos ganhos da classe média, em geral formada por pequenos empresários e servidores públicos. A base da pirâmide, para usar a expressão de Prahalad, acumula níveis de empobrecimento inaceitáveis em qualquer modelo econômico que se queira ético.

Segundo o relatório da FAO para o ano pandêmico, lançado em julho passado, há 811 milhões de pessoas em situação de fome. Destas 418 mil estão na Ásia, 282 na África e 60 mil na América Latina, destas 19 milhões são brasileiras. No Brasil, 1 a cada 2 brasileiros estão expostos a algum tipo de insegurança alimentar. Os níveis de desemprego batem recordes estratosféricos, enquanto 52 milhões são afetados por algum tipo de pobreza na renda. Segundo a FAO, as crianças e as mulheres estão entre as mais afetadas. Entre os mais pequenos, são 194 milhões a vegetar entre a fome aguda e a fome crônica, e há 10% a mais de mulheres passando fome do que homens. O estudo já prever que a meta 2 dos ODS deixará de ser alcançada em 2030 por nada menos que 660 milhões de pessoas.

Entretanto, há a outra parte da fala da autora que não pode deixar de ser refletida: "nós precisamos combinar de não morrer" E como pôr em rota uma estratégia de resistência coletiva? Há várias formas e métodos, principalmente com o surgimento de novos modelos econômicos como a economia baseada no Bem-Viver apresentada pelos povos andinos. A graça e a resistência da Economia solidária, aprofundada radicalmente nas periferias brasileiras. Há ainda muitas possibilidades na nova economia ecológica baseada nos limites da natureza e que respeita a ecologia integral. Metade da população brasileira está exposta à fome, nenhuma delas está nos assentamentos do Movimento dos Sem Terra. Então, uma outra economia é possível!

Por fim, estou convencido de que o desenvolvimento é a crise pois representa diretamente a estratégia de reprodução capitalista, que já se aproveitará do colonialismo, do patriarcado e agora do desenvolvimento. É, portanto, uma estratégia de acumulação econômica para concentração de riqueza. É o grande "combinado de nos matar".

Ele é a crise!

Rafael dos Santos da Silva - Possui graduação e mestrado em Administração. Cursa doutorado em Sociologia na Universidade de Coimbra - UC. Faz carreira no Magistério Superior lotado na Universidade Federal do Ceará. Tem experiência na área de Administração Pública, Sociologia e Docência. Contribui em vários movimentos sociais relacionados a violência, direitos humanos e combate a pobreza. Participa como convidado do grupo do Observatório de Políticas Públicas da UFC e do Observatório de Políticas Públicas do meio Rural da UFC. Concentra interesse nas seguintes áreas: desenvolvimento, pobreza (rural/urbana), distribuição de renda, cidades, violência.



EPISTEMOLOGIAS
DO SUL



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



1290
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Universidade de
Coimbra - Alta e Sã
Instituição de Ensino Superior
a Ciência e a Cultura
Mundial em 2013



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificados como original licenciados de acordo com a fonte.
Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.
Original contents licensed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.

Emotions, populism, and the digital space

AN Original - UNPOP Series

2021-12-30

By Paolo Cossarini

«Politics is about feelings», writes David Redlawsk in the incipit of his edited book *Feeling politics*. To see somebody angry with the government rescuing financial institutions, someone fearful that his or her party will lose an election or, again, fearful of some alleged external enemy who would increase criminality, is to see people fill the political world with meaning.



Shot by Melanie Hoefler - Barefoot Communications München

The questions come naturally: What are (if any) the feelings of populism? In what terms can we talk about “feeling populism”? Certainly, the scientific literature has primarily focused on the ideological, structural, discursive, and organizational aspects of populist parties. However it has to be acknowledged that the affective dimension is not new in the studies of populism. Proof of that, a direct connection between populism and an emotional appeal was established since the seminal work on populism edited by Ghița Ionescu and Ernest Gellner in 1969. In his contribution to that volume, Kenneth Minogue stated: “to understand the (populist) movement is to discover the feelings that move people”.

What is more, in recent literature it is not infrequent to find perspectives that argue that populism is based more on emotional dynamics than on rational considerations. Needless to say, it is not a question of giving emotions a primacy in political affairs, but rather of highlighting their relationship with human rationality, as well as their role in (the study of) populism. In this sense, the relationship between populism and the emotional dimension is particularly relevant, all the more that some leading scholars – think of Ernesto Laclau, Chantal Mouffe, and Yannis Stavrakakis to name just a few examples – point to the essential link between this form of doing politics and the emotional dimension. Laclau considers, for instance, that the “people” is shaped through an operation that belongs to the emotional realm. Besides that, also in the public debate it is common to connect the term populism to the widespread role of emotions: populism is often considered as an emotional discourse, driven by both verbal and non-verbal language, in which affect play a key role in the populist relationship between the leader and the citizens. In Laclauian terms, the shaping of the two social blocs, “the people” and “the elite”, is carried out through an investment of, respectively, positive and negative emotions.

So far so good. But, what emotions? Are there specific emotions connected to populism? Farmers’ and the lower middle class’s antipathy towards power elites in the XIX century has been acknowledged as a cause of the emergence of populism in North and Latin America. Similarly, the frustration produced by neoliberal policies over the last few decades is said to foster populist sentiment in Europe. Empirical research too has focused on a variegated set of emotions considered to be predictors of populist

attitudes. In addition to structural factors, emotional dispositions have been included into the set of variables to take into account for the understanding of populism: “angry citizens seem to be more receptive to populist discourse” write Guillem Rico, Marc Guinjoan, Eva Anduiza.

Similarly, nostalgia has been defined as a major driver of populism. By defining populism as an illiberal reactionary ideology, Hans-Georg Betz and Carol Johnson argue that right-wing populism reflects a deep sense of nostalgia for the old days, being especially linked to nationalist attitudes. Understood in these terms, nostalgia has been framed as a “restorative” emotion, yearning for a lost past. And yet nostalgia can also be associated with left-wing populism, as it goes hand in hand with anti-establishment politics that target post-democratic and technocratic forces. Understood in this fashion, nostalgia is conceived as a “radical” and “reflexive” dynamic.

Still, anger, nostalgia, frustration, along with a myriad of other emotions, may obviously have different targets: the political, economic, and intellectual elites, but they can be also targeted towards immigrants and foreigners: the subjects blamed for contemporary problems vary depending on individual situations and collective tendencies, and depending on the geographical and temporal contexts.

What also matters is the way in which emotions are channelled. Here is where the digital space comes into play. And populism too, just like any other aspect of current political life, operates through the digital space. Populism has even been characterised as an issue entirely analysable within the field of political communication. Given the centrality of digital technologies and social media for current political communication, it is worth asking about the relationship between social networks, populism, and emotions. How do social media change political communication? Is deliberation reinforced or weakened in the digital public space? How is populism articulated in the digital space? How do emotions work in it?

These seem important questions, which have been the focus of an important bulk of research in recent years. While different are the *diagnosis* and the *prognosis* within the scientific literature, the impact of new technologies on political communication - and politics at large - is indeed considered as a game-changer by almost all analysts.

The digital space keeps an elective affinity with populism, insofar as this space favours the antagonistic logic of populism, and enables the deployment of affective dispositions: emotions, populism, and the digital space converge and shape together the current public sphere. Arguably, the digitalization of the public debate represents fertile ground for diffusion of all types of content, ideas, values, and of course emotions. Moreover, social media go hand in hand with a type of communication, which, quite intuitively, is built on immediacy, directness, affects and closeness. This to some extent debunks Rawls' and Habermas' idea of public reason. Rather, democratic politics – shaped by new technologies – is made of a mix of *ethos*, *pathos* and *logos*, as Paparachissi has pointed out. It is undoubtedly true that social media make it possible for marginalized voices to be heard. However the initial enthusiasm for social network has quickly turned into the disenchanting recognition of the limits of the new technologies for the public debate.

Indeed, while citizens are now protagonists in the creation of contents and opinions, in the digital debate what frequently prevails is the affective persuasion. Arguments are often made through stories, Twitter threads, photos, memes, personal experiences, and narratives with a marked emotional register. This triggers two phenomena. On the one hand, the creation of “affective communities”, where the public debate is often driven by contagion more than argumentation – going *viral* counts more than nuanced discussion. On the other hand, the formation of “echo chambers” where citizens interact in bubbles with those who already think alike.

If in the past not everything in politics could be attributed to the operation of reason, it's equally true that not everything now can be ascribed to the pull of emotion – they always go hand in hand. However, it is hard to claim that the digitalization of the public sphere has made the public debate more 'rational'. Thus, the elective affinity with digital technologies makes it easier for (populist) political performance to become central compared to nuanced deliberation. Against this background, the 'bad manners' that Benjamin Moffitt identifies as a stylistic essence of populist politicians acquire new centrality and foster the emotional dynamics in the division of the political realm into two opposing social blocs.

All in all, stressing the link between emotions and the digital space is essential for all those who want to approach populist politics. The way their link develops and constitutes the public sphere – this is my hypothesis – determines the positive or negative relationship between populism and liberal democratic processes.

Paolo Cossarini is Postdoctoral Researcher at the Department of Culture and Learning, Aalborg University (Denmark). He is co-editor of 'Populism and Passions. Democratic Legitimacy after Austerity' (2019), and 'The Impact of Populism on the European Institutions and Civil Society. Discourses, Practices, and Policies' (2021).



EPISTEMOLOGIAS
DO SUL



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Faculdade de
Educação



Faculdade de
Artes e Ciências



¿Nuevo giro a las izquierdas?

AN Original

2021-12-25

Por José Luis Exeni



La incontestable victoria electoral del izquierdista Gabriel Boric en Chile desató diversas emociones, expresadas en mensajes y/o silencios. Los sentires más evidentes provinieron de la vereda progresista, que manifestó enhorabuenas y esperanzas. Fue más opaca la reacción de los Vargas Llosa, que rumiaron su derrota. Algunos hicieron sumas y restas, pintando el mapa regional de dos colores. Uno de ellos va en ascenso, a la espera del próximo triunfo de Lula da Silva en Brasil.

Un primer (no) debate interesante tiene que ver con las denominaciones. La más clásica, que algunos jubilaron precozmente, es entre izquierda (que cada vez se pronuncia más en plural) y derecha (que cada vez se inclina más a la ultra). Izquierda con bandera de igualdad, derecha con divisa de orden. Otra distinción se da entre fuerzas progresistas, con apellido popular, y fuerzas conservadoras, con apellido oligárquico. Como descalificación se habla de comunistas versus fascistas.

Más allá de las etiquetas, que pueden significar mucho o nada ("populismo", por ejemplo), es importante observar las afinidades en el vecindario. El "socialismo del siglo XXI" parece un antecedente remoto. Pero cuenta. Está en debate lo que significó el llamado giro a la izquierda con su apuesta anti o postneoliberal y proyectos más o menos amplios de refundación/retorno del Estado. Están en agenda también sus avances, límites, desviaciones, agotamiento: cambio con desencanto.

Cuando se anunciaba con altanería un ciclo a la derecha, con sus golpes blandos, sus grupos de Lima y sus almagrobolsonarismos, el péndulo recibió un frenazo. El eje Morena en México y vuelta peronista en Argentina anticipó un inesperado cambio de rumbo: Castillo en Perú, ahora Boric en Chile, pronto Lula en Brasil. Ahí está también, en casa, el retorno del MAS-IPSP en Bolivia tras 361 días (y sus noches) de régimen provisorio de la derecha confesional. ¿Nuevo giro a las izquierdas?

Si así fuese, y se está repoblando el vecindario de la región con predominio progresista, la pregunta esencial que debemos hacer es en qué se diferencia del anterior ciclo. O mejor: cómo potenciar el impulso transformador y de emancipación social, evitando la repetición o acentuación de errores, distorsiones, retrocesos. Por ahora, de este lado celebramos la renovada dignidad con esperanza. Del otro, con desazón y extravío, que sigan preguntando porque los pueblos "votan mal" (sic).

El anhelo/señal del pasado domingo en Chile es inequívoco: el nuevo progresismo será feminista, demodiverso, igualitario, laico, ambientalista, indígena, ético, *millennial*, heterogéneo, anticapitalista; o no será. Son días de soñar. Disfrutemos.

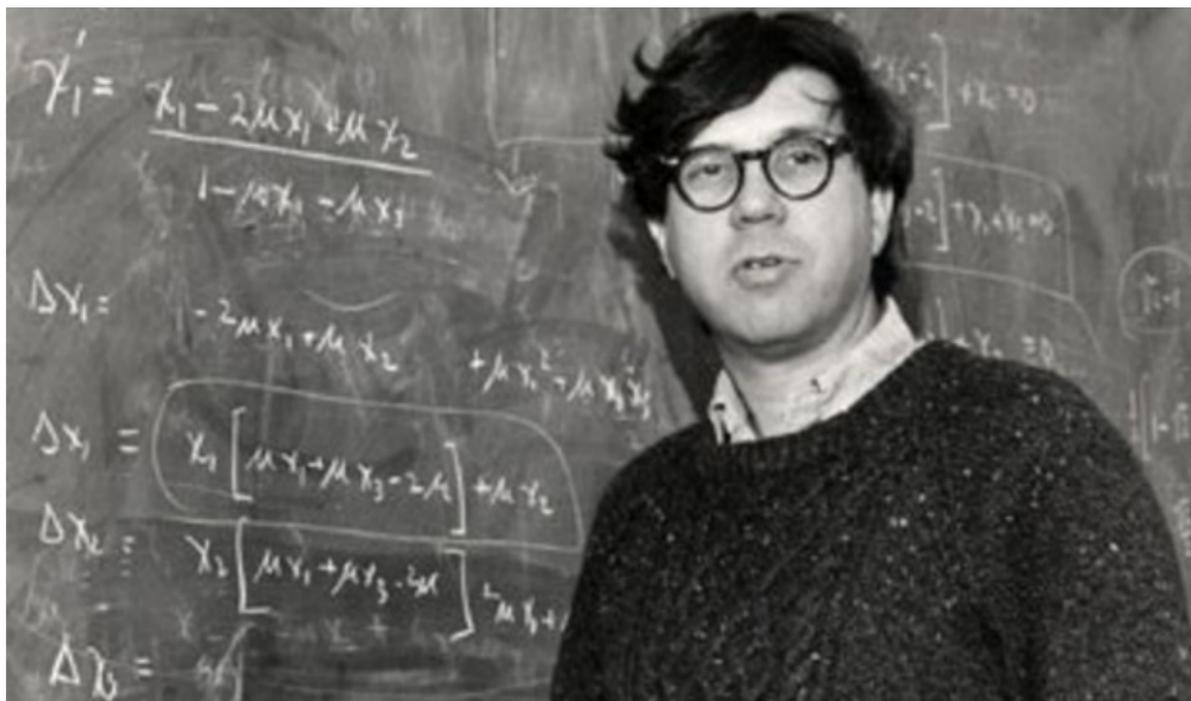
José Luis Exeni Rodríguez, politólogo boliviano.

Ciência, dissidência e justiça: sobre o legado intelectual e político de Richard Lewontin

AN Original - Alice Comenta

2021-12-21

Por João Arriscado Nunes



Este ano em que celebramos o centenário do nascimento de Paulo Freire, foi marcado pelo desaparecimento de dois dos grandes protagonistas de décadas de luta pela justiça cognitiva e pela justiça social: Richard Lewontin e Humberto Maturana.

Um e outro, seguindo caminhos distintos mas convergentes em muitos pontos, deixaram-nos um importante legado de afirmação de uma ciência rigorosa, mas ao mesmo tempo comprometida com a justiça social e cognitiva e com a defesa da dignidade e da vida. A importância desse legado está, para além das suas contribuições para os domínios respetivos da pesquisa, na maneira como souberam criar formas de partilha e de trabalho coletivo, ambientes que converteram o trabalho em aprendizagem do mundo, com uma constante atenção aos desafios que os interpelavam. A condição de intelectuais públicos não chega para caracterizar de maneira adequada os seus modos de criar espaços de passagem entre o laboratório e o mundo, entre a universidade e a sociedade. Dos seus sucessos como das limitações que encontraram nesse processo ficam lições e inspirações para ajudar a pensar e construir uma outra ciência, capaz de reconhecer, como nos mostrou Paulo Freire, a incompletude e parcialidade de todas as formas de conhecimento e a passar da hegemonia cognitiva e epistemológica às ecologias de saberes, a que nos convida a perspectiva das epistemologias do Sul.

Como tributo à influência que teve na minha formação e crescimento como cientista social, gostaria de evocar aqui a vida e obra de **Richard Lewontin, falecido no dia 4 de julho, aos 92 anos.**

Lewontin deixou a sua marca como um dos grandes especialistas em biologia da evolução e genética das populações. Influenciou várias gerações de biólogos com o seu trabalho sobre a diversidade humana e a sua relação com a genética, a necessidade de entender a biologia a partir da relação entre genes, organismos e ambiente, desfazendo a confusão entre o uso de técnicas reducionistas como recursos para a investigação e as concepções reducionistas da biologia, que abrem caminho ao determinismo genético e biológico. Um tema central que marcou a sua atividade foi o das relações entre ciência e sociedade, da influência de fatores sociais, culturais e políticos e da dependência da investigação científica do capital, e de políticas de estado. Foram especialmente relevantes as intervenções públicas em debates sobre as alegadas bases biológicas do racismo, sobre as falácias ligadas ao uso de instrumentos como o QI, ou sobre a sociobiologia e a psicologia evolutiva e o que designou de “doutrina do DNA”, enquanto formas de naturalização, justificação e legitimação da desigualdade, da exclusão e da opressão.

Combinando uma argumentação científica rigorosa com a crítica social e política dos usos alegadamente neutros e objetivos de uma ciência marcada pelas prioridades e postulados ideológicos hegemônicos,

Lewontin ajudou a demarcar, no coração do sistema académico e científico norte-americano, um espaço de produção crítica de conhecimento científico, de diálogo interdisciplinar, mas também de abertura às lutas pela emancipação e contra diferentes formas de exploração e opressão. A sua oposição ao apoio de instituições científicas e académicas à guerra do Vietname levou-o a demitir-se da Academia das Ciências dos Estados Unidos. A sua concepção de uma ciência em permanente diálogo com a sociedade encontrou uma expressão viva nas suas publicações, em particular na sua longa colaboração com Richard Levins – falecido em 2016 –, e especialmente nos artigos e livros dirigidos a públicos para além do que Ludwik Fleck descreve como o espaço esotérico dos especialistas.

A colaboração de Lewontin com Levins – que resultou em contribuições reunidas em dois livros, *The Dialectical Biologist* (1985) e *Biology Under the Influence* (2007) – levou a uma exploração das dinâmicas globais da saúde e da doença, das suas determinações sociais, políticas, económicas e ecológicas e da condição iatrogénica do capitalismo. Assumindo de maneira explícita a dupla matriz marxista e evolucionista do seu pensamento e ação, Lewontin nunca deixou de, juntamente com Levins, explorar de forma crítica e sempre ancorada na procura de conhecimento sobre o mundo e as lutas que neste se travam as possibilidades e os limites do que descreveu como a abordagem dialética na biologia. A eles devemos textos que mantêm a sua pertinência e atualidade, sobre a relação entre a saúde, a doença e o capitalismo.

Tendo como base o Museu de Zoologia Comparativa da Universidade de Harvard, Lewontin animou uma das mais notáveis redes internacionais de cientistas e cientistas-ativistas de diferentes proveniências disciplinares, da biologia, ecologia e medicina às ciências sociais e filosofia. A sua influência em várias das correntes que renovaram o conhecimento biológico em direções que facilitaram o seu diálogo com as questões emergentes nas ciências sociais é reconhecida, e vai da biologia ecológica e evolutiva do desenvolvimento (eco-evo-devo) à Teoria dos Sistemas em Desenvolvimento e a novas abordagens na imunologia, das correntes feministas nas ciências a novas formas de ativismo resultantes de encontros entre as ciências e as artes. A sua influência é patente igualmente em abordagens das novas emergências sanitárias, como a pandemia em curso de Covid-19 e a sua relação com a desflorestação, agronegócio, o extrativismo e o aquecimento global, exemplarmente desenvolvidas por Rob Wallace.

A minha trajetória pessoal como cientista social envolvido nos Estudos de Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) levou-me, desde muito cedo, a encontrar em Lewontin e Levins inspiração para a procura de direções que permitissem manter a tensão entre a crítica interna das ciências e a sua relação com as experiências, resistências e lutas contra a dominação, a opressão e a exclusão. Muitos dos temas que hoje são centrais nos estudos sobre Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) aparecerem nas posições públicas de organizações como *Science for the People* e da revista com o mesmo nome, que desde a sua fundação em 1969, e durante duas décadas – e com publicação retomada em 2018 –, acolheu artigos que marcaram as agendas de uma concepção crítica, engajada e emancipatória da ciência e das práticas científicas.

Estranha-se, por isso, a falta de visibilidade e, em alguns casos, a omissão deste conjunto de experiências das histórias, genealogias e estados da arte dos CTS que têm sido publicados. Ao longo de duas décadas, uma parte significativa da minha atividade como pesquisador nessa área passou pela colaboração e o diálogo com cientistas e ativistas influenciados por Lewontin e Levins, no âmbito da *International Society for the History, Philosophy and Social Studies of Biology* – em que conheci Levins –, dos memoráveis seminários anuais organizados em Woods Hole, nos Estados Unidos, por Peter Taylor, um dos mais notáveis estudantes e colaboradores de Levins e Lewontin, prematuramente desaparecido em 2019. Nestes que se encontravam pesquisadores/as, ativistas, educadores populares e comunitários e artistas engajados de diferentes países e continentes. E são inesquecíveis as horas passadas numa conversa com Lewontin, num encontro em que, com a minha colega Marisa Matias, pudemos beneficiar da sua generosidade, energia e entusiasmo, na sua escuta atenta e na partilha de um saber sempre permeado por uma aguda sensibilidade às questões políticas e aos desafios das lutas contra a opressão.

Nas contribuições de Lewontin e no exemplo do seu engajamento como cientista encontramos pistas importantes para o prosseguimento de um diálogo inacabado com temas como as relações entre modos de conhecimento, a persistência de formas de dominação colonial e a descolonização do conhecimento. A evocação do seu legado é um desafio a reconhecer e explorar os caminhos da construção de uma ciência crítica, capaz de abrir espaços de diálogo com outros saberes e com as lutas pela emancipação e pela justiça cognitiva.

Este artigo faz parte da série Alice Comenta, da autoria da equipa do Programa de Investigação Alice-Epistemologias do Sul, publicada no Alice News com cadência semanal.

João Arriscado Nunes é Investigador Permanente do Centro de Estudos Sociais e membro da Coordenação do Programa de Investigação em Epistemologias do Sul (alice-ES). Professor Catedrático Aposentado de Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Foi co-coordenador do Programa de Doutoramento "Governança, Conhecimento e Inovação" e membro do Conselho Consultivo da Associação Portuguesa de Sociologia. Membro da coordenação do projeto ALICE - Espelhos estranhos e lições imprevistas, dirigido por Boaventura de Sousa Santos e financiado pelo European Research Council (2011-2016). Foi Pesquisador Visitante na Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), no Rio de Janeiro (2011-2012), e Director Executivo do CES (1998-2000). Os seus interesses de investigação centram-se nas áreas das epistemologias do Sul, estudos de ciência e de tecnologia (em particular, da investigação biomédica, ciências da vida e da saúde pública, da relação entre ciência e outros modos de conhecimento), da sociologia política (democracia, cidadania e participação pública, nomeadamente em domínios como ambiente e saúde), Direitos Humanos e teoria social e cultural. Coordenou os projectos de investigação "Avaliação do estado do conhecimento público sobre saúde e informação médica em Portugal", no âmbito do Programa Harvard Medical School - Portugal e "O envolvimento da ciência com a sociedade: ciências da vida, ciências sociais e públicos - BIOSENSE", ambos financiados pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. Coordenou e participou em vários projectos nacionais e internacionais (com coordenação de equipas portuguesas), entre os quais se incluem "European Patient Organizations in the Knowledge Society- EPOKS"; "Deepening Ethical Engagement and Participation in Emerging Nanotechnologies - DEEPEN"; "Researching Inequality through Science and Technology - ResIST"; "Governance, Health and Medicine. Opening Dialogue between Social Scientists and Users - MEDUSE", financiados pela Comissão Europeia. Foi membro do "steering committee" da rede European Neuroscience and Society Network - European Science Foundation, e fez parte da Public Health Genomics European Network - PHGEN. Tem coordenado e (co) organizado vários eventos científicos nacionais e internacionais, entre os quais se destaca o Ciclo "Ciências da Vida e Sociedade: Desafios da Era Pós-Genómica" (2007/08) (em colaboração com o Centro de Neurociências da Universidade Coimbra) e "Exploring Biomedicine" (2007), em colaboração com o Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar e o Instituto de Biologia Molecular e Celular da Universidade do Porto. Foi co-organizador dos livros *Enteados de Galileu: A Semiperiferia no Sistema Mundial da Ciência* (Porto: Afrontamento, 2001); *Reinventing Democracy: Grassroots Movements in Portugal* (London: Frank Cass, 2005) e *Objectos Impuros: Experiências em Estudos Sobre a Ciência* (Porto: Afrontamento, 2008) e autor de publicações diversas. Integrou o Conselho Editorial das revistas *Cadernos de Saúde Pública* (Fiocruz) e *Ciência e Trópico* (Fundação Joaquim Nabuco). Foi membro do Conselho da European Association for the Study of Science and Technology (EASST).



**EPISTEMOLOGIAS
DO SUL**



ces
Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

1 2 9 0
UNIVERSIDADE D
COIMBRA



Universidade de
Coimbra - Alta e Sã
segundo as Leis do Parlamento
Mundial em 1213



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificado como original licenciados de acordo com a fonte.
Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.
Original contents licesed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.